

O romanceiro velho: tipoloxía e teoría dos polissistemas

Alfredo Ferreiro Salgueiro

A origem deste trabalho situa-se na observación das clasificacións actuais do Romanceiro. Como se sabe, estas costumam ser na actualidade de carácter temático e resultam, indubitavelmente, útiles para a organización das numerosas e necesarias antologías de romances¹.

No entanto, se pretendemos reflectir sobre este género de uma perspectiva essencialmente teórico-poética, descubriremos a ineficácia de uma tal taxionomia. A par dos problemas que os mesmos antologadores acham nas tipologías temáticas, como podem ser:

- 1) um enorme número de tipos e subtipos;
- 2) a ausência de unanimidade à hora de estabelecer os tipos;
- 3) a dificuldade de associar um romance a um único tipo temático,

defende-se neste trabalho que uma tipologia que permita uma teorização deve procurar-se em componentes estáveis do género. Deve partir de critérios que integrem as variantes textuais dentro de uma rede determinada de possibilidades.

Assim, os elementos classificadores básicos escolheitos para o romance neste trabalho serão de tipo pragmático-compositivo e não semântico, interessando sempre o sistema que opera como referência.

¹ Para uma visão geral das taxionomias de carácter temático podem consultar-se as obras referenciadas em Bibliografía de Agustín Durán, Fernando José Wolf e Conrado Hofmann, Milá y Fontanals, Menéndez Pelayo, Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Entwistle, Menéndez Pidal e S. G. Armistead.

I. TEORIA E CRÍTICA

No Romanceiro velho achamos textos que parecem atingir teorias poéticas distintas quanto à sua composição. Alguns romances contam-nos uma história mais ou menos completa, e nos facilitam uma sensação parecida ao do conto popular graças à sua estruturação narrativa com princípio, meio e fim; outros, pelo contrário, resultam "fragmentos de romances" quanto à acção incompleta que apresentam com respeito aos anteriores. Ante esta diversidade do Romanceiro velho as opiniões críticas mais afamadas têm resultado em certa medida contraditórias. Para a posição "tradicionalista", encabeçada por Menéndez Pidal (Pidal, 1942: 228; 1968: vol. I), embora os romances provierem dos cantares de gesta, são considerados mais poéticos os romances de carácter fragmentário, quer dizer, os que mais se afastam da conceição dos textos épicos. Desta forma, os romances *mais poéticos* seriam, se nos permitirmos o paradoxo, os *menos romancísticos*, já que estes ficariam estruturalmente mais longe dos primeiros textos do género. Para a posição individualista, na que sobressai Leo Spitzer, os romances são fundamentalmente líricos a causa de sua visão pontual e não progressiva da acção, deixando relegados a um segundo plano os romances de "história completa" aos que lhes reconhece, porém, a sua presença nos alvares do género (Spitzer, 1980: 119-145).

Tradicionalmente, a crítica tem focado este confronto crítico ante o género como uma luta teórica entre o épico e o lírico. Resumindo, o dilema proposto por esta resulta o seguinte: a) na tese pro-épica, os romances *são ante tudo épicos* e devêm líricos depois através da própria evolução; e b) segundo a tese pro-lírica, os romances *são inevitavelmente líricos* ainda que o seu passado fique na épica medieval.

Talvez a falta de uma solução comum para ambas as teorias seja produzida por terem ambas sustentado as análises num *falso corpus* homogéneo. Nesta linha, tem-se tendido a englobar a totalidade do *corpus* do Romanceiro velho baixo o adjectivo composto épico-lírico, participando assim no dobre jogo de reconhecer uma certa heterogeneidade do *corpus* ao mesmo tempo de se apoiar na contrastada existência de um único género como ponto estável para o afiançamento de observações gerais. Mas um caminho como este deve contar com o perigo de o crítico achar um género caracterizado por possuir vários sistemas poéticos, para não pretender estudar o um sem o outro.

II. TIPOLOGIA DO ROMANCEIRO

A essência heterogénea do *corpus* romancístico deve constar, pois, como premissa inicial dos estudos que a ele se consagrarem. No entanto, esta característica não impossibilita o seu tratamento; mas ao contrário, este facto ilumina a riqueza do romance como composição poética enquanto analisamos seu discurso. Assim, da linha teórica da Análise do discurso (Dijk, 1989), dois tipos iniciais de romances surgem do *corpus* do Romanceiro velho:

a) aqueles romances que nos apresentam uma história que tenta progredir na linearidade 'princípio-meio-fim', que por perpetuarem a estrutura narrativa completa das gestas serão denominados *romances épicos*;

b) aqueles romances que relatam um momento vital preciso extirpado dum suposto marco temporal-accional mais amplo, como um momento pontual da vida, e que por semelham estruturalmente trechos de romances se denominarão *romances fragmentários* (Pidal, 1968: I, 71-75; Nodar Manso, 1994: 150).

Os romances do primeiro tipo possuem dois níveis macro-estruturais. O primeiro nível está representado pela acção relatora-directora do narrador, que consiste na apresentação das intervenções dos personagens. As intervenções, que pragmaticamente costumam ser interacções entre personagens, funcionam a nível discursivo como as macro-proposições do nível segundo constitutivas das *cenias*. Ao mesmo tempo, cada *cena* (nível segundo) tem uns limites marcados sempre pela intervenção do narrador, que lhe propicia o início ou a dá por finalizada; daí a função directora e coesionadora do narrador: todas as *cenias* estão ligadas entre si com o fim de o construto final resultante conformar uma outra macro-proposição num nível imediatamente superior jerarquicamente (nível primeiro). Este nível superior está regentado pelo narrador com a sua história própria a contar, e representa um personagem narrador a se dirigir ao público, constituindo um dos sujeitos da interacção comunicativa espetacular.

Os *romances fragmentários* provêm da desapareição do nível macro-estrutural primeiro que existe nos *romances épicos*. Constituem, então, verdadeiros fragmentos de um discurso mais amplo, aliás esta fragmentaridade fornecer um tipo de poeticidade integradora dum novo senti-

do da completividade do texto. Ao romper-se esta estrutura narrativa e coesionadora, o que antes era uma parte passa agora a ser visto como um todo. O resultado é a relativa amorfia do romance: romances só narrativos (*Cerco de Baeza, Romance del Maestre de Calatrava, El nacimiento de Bernardo*), romances só dialogados (*Romance de la infanta burlada, Nuño Vero, Compañero, compañero...*), romances de monólogo (*Romance de los Infantes de Aragón, La ermita de San Simón, Romance del cautivo*) e romances mistos. Podem entender-se, pois, como verdadeiros fragmentos de um virtual discurso mais amplo, aliás esta fragmentaridade fornecer um tipo de poeticidade integradora de um novo sentido da completividade do texto. São possibilidades de isolamento de trechos de *romance épico* ou mesmo de cantar de gesta. É por isto que discursivamente sempre resultarão os *romances fragmentários* um fragmento respeito aos outros *romances épicos*, já que os últimos conservam a estrutura esquemática que os relacionam directamente com as gestas². Assim, os *romances fragmentários* não parecem sinalar o nascimento do género, mas o duma adaptação a uma nova sensibilidade nuns termos bem precisos.

III. TEORIA DOS POLISSISTEMAS E ROMANCEIRO

De entendermos o Romanceiro velho como um sistema poético-compositivo estático, a grande heterogeneidade que o caracteriza impedirá-nos ver a riqueza da sua complexidade. Portanto, só desde uma perspectiva teórica que nos permita estudar as qualidades dos romances tanto na sincronia quanto na diacronia poderemos ver o seu funcionamento.

² Por outra parte, é de destacar que ainda se conservam romances que, caracterizados pela sua fragmentarização, continuam a indicar a sua perença a um virtual texto mais extenso. É o caso da "História de Grimaltos e seu filho", conservada em dois romances intitulados Romance del conde Grimaltos y su hijo e Cata Francia Montesinos; o da "História de dona Isabel", em dois romances também complementares intitulados Romance de doña Isabel de Liar e Romance de la venganza de doña Isabel; ou o dos romances de Gaiferos, conformantes duma única história narrada através dos textos complementares Primer romance de Gaiferos e Síguese el segundo romance de Gaiferos.

Neste sentido, a Teoria dos polissistemas (Even-Zohar, 1990) permite-nos observar os sistemas literários como uma rede dinâmica, detectando mudanças de discurso que são vistas como intrassistémicas. Ao mesmo tempo, possibilita perceber o funcionamento do género romance como o dum polissistema, quer dizer, como um sistema múltiplo de sistemas que se superpõem formando um todo estruturado cujos membros são interdependentes. A Teoria dos polissistemas pode explicar a interrelação de vários sistemas dentro do próprio género, permitindo reflectir sobre as consequências que a localização particular de cada um destes sistemas tem sobre o espaço do polissistema.

O romance desenvolve-se numa época de transição respeito à conceição (entendida tanto como criação quanto como compreensão) dos parâmetros textuais literários. Como género possivelmente se inicia num marco em que os critérios épicos estão situados no centro do polissistema, como sistema principal; mais tarde, os romances assim concebidos vão ser vistos pejorativamente pelas classes cultas do século XV, que os desprezam como género próprio da gente vulgar. É então que o género muda para outra configuração do polissistema, com o repertório épico relegado à periferia, no momento em que o género romance, enquanto forma já majoritariamente caracterizada pela brevidade, é engadido a um novo repertório (o dos cancioneros) enquanto que introduzido dentro dos parâmetros da lírica, género este que começava ainda a ser considerado junto com o narrativo e o dramático (Aguiar e Silva, 1990: 348-353; García Berrio, 1977: 94-109). Decai a vigência dos parâmetros épicos ao mesmo tempo, então, de os *romances fragmentários* puderem considerar-se textos *canonizados* (Even-Zohar, 1990: 15-20; Iglesias, 1994: 333; Sheffy, 1990).

Desta perspectiva, o Romanceiro velho entende-se estratificado de forma dinâmica, conformando dentro dele a *tradição épica* e a *conceição lírica* elementos irreconciliáveis que representam sistemas alternativos de opções simultâneas e devem ser interpretados como estratos que marcam uma *oposição* (Even-Zohar, 1990: 13).

No fim da Idade Média devia estar vigente um polissistema épico que mantinha no centro (o lugar de mais prestígio) os textos longos e situava na periferia os textos mais breves. Isto muda preferentemente nos séculos XV-XVI para a consolidação do romance como um género autó-

nomo, constituindo-se num polissistema romance que vai estruturar seus fluxos geratrizes na alternância dos sistemas épico e lírico como parâmetros compositivos. Como os polissistemas literários são dirigidos através de grupos de poder, o grupo que governa o polissistema vai determinar a canonicidade do repertório romancístico (Even-Zohar, 1990: 17); e os textos, que são rejeitados ou aceites desde esta cúpula de poder, têm importância para o sistema mais talvez como representantes de modelos do que como objectos concretos (Even-Zohar, 1990: 19).

Da mesma forma, a crítica do século XX considera mais poéticos os romances truncados. O género foi identificado com o sistema situado no estrato central nos séculos XV e XVI, quer dizer, o romance de conceição lírica que hoje em dia continua a estar vigente. A periferia do polissistema (o sistema épico) foi concebida como algo extra-sistémico. Deste jeito, pode-se afirmar que a relação histórica do romance com a lírica situa-se numa fase posterior à da sua origem e consolidação, e que a inclusão do *corpus* romancístico no marco da lírica parte de ter sido identificado o género romance com o repertório romancístico canonizado e legitimizado pelos cancioneiros e romanceros do século XVI.

Por outra parte, o facto de participarmos na nossa época de critérios *canonizadores* semelhantes (uma divisão tripartita dos géneros talvez não vigente na Idade Média) aos do século XVI, produz considerarmos mais poéticos os romances menos épicos. É por isto que a sua inclusão sem discussão, amparando-se na feitura da maioria dos textos, no marco lírico simplificaria as considerações pragmáticas que implicaria uma relação directa destes com os cantares de gesta, que nos mergulham no mundo espectacular da Idade Média. Mas o investigador só deve perceber estas distinções como evidência do conjunto de normas de um período (Even-Zohar, 1990: 15-16), defendendo sempre "um rejeitamento dos juízos de valor como critérios para uma selecção a priori dos objectos de estudo" (Even-Zohar, 1990: 13).

IV. O LIRISMO DO ROMANCEIRO

Deveria ser possível algum tipo de fundamentação histórica para que poda ter lugar esta mudança de perspectivas estéticas. Leo Spitzer

defende a existêncía de uma nova sensibilidade no tempo textual, de um novo conceito do tempo para o texto poético romancístico:

Y, lo más importante según mi opinión, hay en el poeta como una conciencia de la importancia que tiene *el tiempo* en la poesía y de las posibilidades artísticas de que el poeta puede aprovecharse cuando construye su composición en vista de él; claro, ahora no hablo ya del tiempo gramatical (*tense*), sino del tiempo (*time*) que dura una poesía. En el lapso de tiempo más breve posible el romance debe desarrollar sus efectos, hipnotizarnos y despertarnos, transportarnos a un clima histórico y producir una impresión supratemporal, darnos un todo y dejarnos perplejos ante lo fragmentario de la vida, evocar el drama de la vida y a la vez resolverlo en un contenido intelectual epigramático (Spitzer, 1980: 136).

Assim, muitos dos documentos da época indicam claramente que a poesia do XV a par de caracterizar-se por um particular elitismo, também se caracteriza pelo interesse em não dedicar muito tempo à literatura, pois existia "una mentalidad aristocrática, para la que resulta inadmisibile toda dedicación demasiado absorbente a las letras" (Alonso, 1986: 12-14; Russell, 1978: 207-239). Noutras referências, como por exemplo num texto da crónica de Pero Niño, o preceptor aconselha seu jovem discípulo: "El que ha de aprender e usar arte de cavallería, non combiene despende luengo tiempo en escuela de letras; cúmplevos lo que d'ello savedes" (Kohut, 1982: 133).

Estes textos resultam interessantes pelas consequências que estas atitudes criadoras puderam ter implicado. Quer dizer, uma crescente importância das obras breves: "porque los cavalleros han de hazer un mote o una cosa breve, que se diga no hay más que ser" (Ximénez de Urrea, 1878: 7). Como também se pode ver na obra *Arte de poesía* de Juan del Enzina: "Otras más figuras y licencias pudiéramos contar, mas porque los modernos gozan de la brevedad, contentémonos con estas..." (em López Estrada, 1984). Desta forma, o critério pragmático-compositivo cobra especial relevância, introduzindo definitivamente a brevidade como um valor em alça:

De su historia por agora *no se puede más contar*;
 quien la quisiere saber procure de la buscar,
 que este romance se fizo, se hizo *para cantar*,
 cual fué hecho y trobado por Fernando de Villarreal (Menéndez
 Pidal, 1942: 230)³.

A poesia de cancionero, por sua parte, pode supor um passo intermédio entre a falta de acção no sentido das gestas e a perda do primeiro nível macro-estrutural. Um *dezir* é capaz de suster como toda estrutura discursiva um monólogo narrativo alegórico, mas sente a necessidade de fixar a acção mediante uma explicação narrativa (no sentido da voz directora de cena dos romances) relativa ao marco contextual no que vai inscrito (López Estrada, 1984: 21-22): «*Este dezir fixo e ordenó el dicho maestro fray Diego por amor de una doncella que era muy fermosa e muy resplandeciente, de la cual era muy enamorado*» (Alonso: 103). Como se vê, esta introdução ocupa, quanto à informação, o lugar do narrador dos romances. Para atingir efeitos parecidos, grande parte dos romances deveriam ser contrafeitos pelo mecanismo da castração de um nível macro-estrutural com o fim de procurar a poeticidade na sua brevidade; ora fosse feito pelos copistas quando os romances se põem de moda, ora por outros autores que os primeiros copiam. Em todo caso, este facto vai mesmo relacionar os romances com as cantigas galego-portuguesas, que rematando por aparecerem dispersas nos cancioneros, ficaram sem o nível macro-estrutural que as organizava como peça teatral (Nodar Manso, 1990).

V. CONCLUSÕES

Uma nova ideia do tempo no construto poético deve estar relacionada com a desapareição do nível macro-estrutural que aqui se defende. Mas a coincidência desta redução do tempo com a dos níveis macro-estruturais do texto, bem visível no próprio *corpus* do Romanceiro velho, é

³ Estes versos são especialmente significativos pelas suas implicações pragmáticas: para um texto literário possuir um estátus de canção não precisará narrar uma história completa, facto este que ainda nesta altura era preciso de o advertir ao público que puiden aguardar outra cousa.

uma manobra formal, um recurso que o próprio sistema do género tem para se renovar adequando o repertório a novos modelos que substituam os já gastos, para dar uma saída textual para as mudanças dos parâmetros estéticos da época. É o jeito que a literatura tem de se não converter em algo inútil e desfasado, de perdurar graças ao cumprimento contínuo da sua função em épocas com modos -pensamentos- de vida muito diferentes.

Poderíamos concluir, portanto, que a época que atinge o Romanceiro velho constitui um confronto histórico entre dois sistemas pragmáticos diferentes que se concretizam dentro do polissistema literário hispânico como a luta entre o velho sistema pragmático-compositivo épico medieval e o novo sistema lírico-compositivo. De uma parte, o sistema dos macro-textos de duplo nível macro-proposicional, caracterizado essencialmente por um nível de interacção narrador-público que se insere directamente no marco das narrativas orais medievais. De outra, um sistema gerado por redução do anterior que introduz no panorama discursivo do romance novas possibilidades de estruturação textual.

BILIOGRAFIA

- AGUIAR E SILVA, V. M., *Teoria da literatura*, Coimbra, Almedina, 1990.
- ALONSO, Á., ed., *Poesía de cancionero*, Madrid, Cátedra, 1986.
- ALVAR, M. (ed.), *El Romancero*, Madrid, Magisterio Español, 1968.
- ALVAR, M., *El Romancero: Tradicionalidad y pervivencia*, Madrid, Planeta, 1970.
- ARMISTEAD, S. G., et al., *El Romancero Judeo-Español en el Archivo Menéndez-Pidal (Catálogo-índice de Romances y Canciones)*, Cátedra-Seminario Menéndez-Pidal, 3 vols., Madrid, F.E.R.S., 1978.

- BEATI, B. A., «*Romances tradicionales and Spanish Traditional Ballads: Menéndez Pidal vs Vladimir Propp*», *Journal of the Folklore Institute*, XIII, 1976, pp. 37-55.
- BENICHO, P., *Creación poética en el romancero tradicional*, Madrid, Gredos, 1968.

- CATALÁN, D., «Los modos de producción y 'reproducción' del texto literario y la noción de apertura», em *Homenaje a Julio Caro Baroja*, Madrid, Centro de Investigaciones Sociológicas, 1978.

- CATALÁN, D. et al., *El Romancero Pan-Hispánico: Catálogo General Descriptivo*, 3 vols., Madrid, Gredos, v.Ia-1984, v.II-1982, v.III-1983.

- DÉBAX, M., ed., *Romancero*, Madrid, Alhambra, 1988, pp. 3-131.

- DI STEFANO, G., «Discurso retrospectivo e schemi narrativi nel *Romancero*», em *Linguistica e Letteratura*, I, 1976, pp. 35-55.

- DI STEFANO, G., ed., *El Romancero*, Madrid, Narcea, 1981.

- DÍAZ-MAS, P., ed., *Romancero*, Barcelona, Crítica, 1994.

- DÍAZ-ROIG, M., *El romancero y la lírica popular moderna*, México, 1976.

- DÍAZ-ROIG, M. (ed.), *El Romancero viejo*, Madrid, Cátedra, 1976.

- DIJK, T. A. van, *Estructuras y funciones del discurso*, Siglo XXI, 1989.

- DURÁN, A., *Romancero general o Colección de romances castellanos anteriores al siglo XVIII*, I: Madrid, Rivadeneyra, 1851; II: Madrid, Hernando, 1912.

- ENTWISTLE, W. J., *European Balladry*, Oxford, Clarendon Press, 1939.

- EVEN-ZOHAR, I., «Polysistem studies», *Poetics Today*, 11, 1, 1990.
- GALMÉS DE FUENTES, A. (ed.), *El Romancero hispánico*, Madrid, Everest, 1989, pp. 3-31.
- GARCÍA BERRIO, A., *Formación de la Teoría literaria moderna. La tónica horaciana en Europa*, Madrid, Cupsa, 1977.
- GARCÍA BERRIO, A., «Lingüística del texto y texto lírico. La tradición textual como contexto», *Revista española de lingüística*, 8, 1, 1978.
- GARCÍA BERRIO, A., *Construcción textual en los sonetos de Lope de Vega: tipología del macrocomponente sintáctico*, RFE, vol. LX, 1980.
- GARCÍA DE ENTERRÍA, (ed), *Romancero Viejo*, Madrid, Castalia, 1988.
- GOLDBERG, H., «Another Look at Folk Narrative Classification: The Judeo-Spanish *Romancero*», *Hispanic Medieval Studies in Honor of Samuel G. Armistead*, Hispanic Seminary of Medieval Studies, Madison, 1992, pp. 153-162.
- GORDON, S., «En torno a los procedimientos de composición de la épica», *Imprévue (Moyen Age I)*, 1992-2, pp. 39-50.
- IGLESIAS SANTOS, M., «El sistema literario: Teoría Empírica y Teoría de los Polisistemas», *Avances en Teoría de la Literatura*, 3, Santiago de Compostela, Universidade, 1994.
- KOHUT, K., «La teoría de la poesía cortesana en el *Prólogo* de Juan Alfonso de Baena», em *Actas del Coloquio hispano-alemán Ramón Menéndez Pidal*, Tübingen, Max Niemeyer, 1982.
- LÓPEZ ESTRADA, F., «El romancero medieval (I. Teoría general)», *Revista de Bachillerato*, (005), 01, 1978, pp. 2-15.

- LÓPEZ ESTRADA, F., *Las poéticas castellanas de la Edad Media*, Madrid, Taurus, 1984.
- MENÉNDEZ PELAYO, M., «Tratado de los romances viejos», *Antología de poetas líricos castellanos*, VI e VII; XII e XIII de *Edición nacional de las obras completas de Menéndez Pelayo*, Santander, 1944.
- MENÉNDEZ PELAYO, M., *Antología de poetas líricos castellanos*, *Edición nacional de las obras completas de Menéndez Pelayo*, Santander, 1945.
- MENÉNDEZ PIDAL, R., «Los orígenes del Romancero», em *Los romances de América y otros estudios*, Buenos Aires, Espasa, 1939, pp. 7-136.
- MENÉNDEZ PIDAL, R., (1942), *Poesía juglaresca y juglares. Orígenes de las literaturas románicas*, Madrid, Espasa-Calpe, 1990.
- MENÉNDEZ PIDAL, R., *De primitiva lírica española y antigua épica*, Buenos Aires, Espasa-Calpe, 1951, pp. 37-43, 73-112.
- MENÉNDEZ PIDAL, R., *Flor nueva de romances viejos*, Buenos Aires, Espasa-Calpe, 1961.
- MENÉNDEZ PIDAL, R., *Romancero tradicional de las lenguas hispánicas (español-portugués-catalán-sefardí): Colección de textos y notas de María Goyri y Ramón Menéndez Pidal*, II, Madrid, Seminario Menéndez Pidal e Editorial Gredos, 1963.
- MENÉNDEZ PIDAL, R., «Poesía popular y Romancero», *Revista de Filología española*, I, 1965, pp. 357-377.
- MENÉNDEZ PIDAL, R., *Romancero hispánico (hispano-portugués, americano y sefardí). Teoría e historia*, I-II, (Ob. comp. IX-X), Madrid, Espasa-Calpe, 1968.

- MENÉNDEZ PIDAL, R., *Estudios sobre el romancero. (Obras completas, XI)*, Madrid, Espasa-Calpe, 1973.
- MENÉNDEZ PIDAL, R., *La épica medieval española. Desde sus orígenes hasta su disolución en el Romancero. (Obras completas, XIII)*, Madrid, Espasa-Calpe, 1992.
- MICHAËLIS DE VASCONCELOS, C., «Estudos sobre o Romanceiro peninsular», *Revista Lusitana*, 2, Lisboa, 1890-1892.
- MICHAËLIS DE VASCONCELOS, C., (1907-1909), *Estudos sobre o Romanceiro peninsular. Romances velhos em Portugal*, Porto, Lello & Irmão, 1980.
- MILÁ Y FONTANALS, M., *Observaciones sobre la poesía popular con muestras de romances catalanes inéditos*, Barcelona, 1853; Id., *De la poesía heroico-popular castellana*, Barcelona, 1959.
- NODAR MANSO, F., *Teatro menor galaico-portugués (siglo XIII). reconstrucción contextual y Teoría del discurso*, Kassel, Edition Reichenberger/Universidad de La Coruña, 1990.
- NODAR MANSO, F., *Aproximación al texto del corpus literario universal*, Kassel, Edition Reichenberger, 1994.
- RUSSELL, P. E., «Las armas contra las letras: para una definición del humanismo español del siglo XV», em *Temas de «La Celestina» y otros estudios. Del «Cid» al «Quijote»*, Barcelona, Ariel, 1978.
- SEGRE, C., *Las estructuras y el tiempo*, Barcelona, 1976 (versão espanhola de *Le struttere e il tempo*).
- SHEFFY, R., «The Concept of Canonicity in Polysystem Theory», *Poetics Today*, 11, 3, 1990.
- SPITZER, L., *Estilo y estructura en la literatura española*, Barcelona, Crítica, 1980, pp. 81-164.

- SPITZER, L., «El romance de *Abenámbar*», *Estilo y estructura de la literatura española*, Barcelona, Crítica, 1980, pp. 119-145.
- SZERTICS, J., *Tiempo y verbo en el romancero viejo*, Madrid, Gredos, 1967.
- THOMSON, S., *Motiv Index of Folk Literature*, 6 vols., Bloomington, 1955-1958.
- WOLF, F. J. e HOFMANN, C., *Primavera y flor de romances*, 2 vol., Berlín, 1956; MENÉNDEZ PELAYO, M. (ed.), *Antología de poetas líricos castellanos*, VIII, *Edición nacional de las obras completas de Menéndez Pelayo*, XXIV, Santander, 1945.
- XIMÉNEZ DE URREA, P. M., *Cancionero*, ed. Martín Villar, Zaragoza, Diputación de Zaragoza, 1878.